A educação empreendedora ganhou centralidade no discurso educativo europeu nas últimas décadas. Progressivamente, deixou de ser entendida apenas como formação para a criação de empresas e passou a assumir-se como uma competência transversal, associada à capacidade de transformar ideias em ação, criar valor e agir de forma responsável em contextos complexos (European Commission, 2024). O quadro europeu EntreComp consolidou esta visão ao definir o empreendedorismo como competência aplicável à vida pessoal, social e profissional, reforçando a sua dimensão cidadã e não apenas económica. Portugal acompanhou esta evolução. Surgiram referenciais, projetos regionais, programas escolares e iniciativas que procuram integrar criatividade, iniciativa, resolução de problemas e ligação ao território no processo educativo. A literatura recente sustenta que a educação empreendedora deve ser concebida como uma arquitetura formativa integrada, articulando currículo, metodologias ativas, desenvolvimento de competências e interação com o ecossistema envolvente. Nesta perspetiva, o empreendedorismo não é uma atividade extracurricular pontual, mas uma dimensão estruturante do currículo.

Contudo, quando analisamos o estado da educação empreendedora numa perspetiva comparada, emerge uma fragilidade estrutural que raramente ocupa o centro do debate público: a insuficiência da monitorização e da avaliação de impacto. O relatório Entrepreneurship Education at School in Europe, elaborado pela rede Eurydice da Comissão Europeia, identifica que, embora muitos países disponham de estratégias e orientações políticas para promover o empreendedorismo nas escolas, persistem lacunas significativas ao nível da integração sistemática, da monitorização e da avaliação dos resultados de aprendizagem (European Commission/EACEA/Eurydice, 2016). O documento sublinha a ausência de indicadores comparáveis e a escassez de acompanhamento longitudinal que permita aferir transformações sustentadas nas competências e trajetórias dos estudantes. Portugal insere-se neste padrão europeu. Existem enquadramentos normativos e experiências relevantes, mas a consolidação da educação empreendedora enquanto política pública estruturante continua condicionada pela falta de sistemas robustos de avaliação contínua. A própria Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD, 2023, 2025) tem vindo a salientar que a maturidade das políticas de inovação educativa depende da capacidade de produzir evidência estruturada sobre resultados a médio e longo prazo.

Este cenário revela um paradoxo evidente. Ensinar empreendedorismo implica promover

capacidades como análise crítica, avaliação de oportunidades, tomada de decisão informada e medição de resultados. No entanto, quando aplicamos esses mesmos princípios à política educativa, verificamos que muitos programas são implementados sem instrumentos sistemáticos que permitam avaliar o seu impacto real. Como demonstram Nabi et al. (2017), embora existam evidências positivas ao nível de atitudes e intenções empreendedoras, continuam a ser escassos os estudos longitudinais capazes de demonstrar efeitos duradouros nas trajetórias profissionais e sociais dos participantes.

Empreender sem medir é, no mundo empresarial, uma estratégia de risco elevado. Nenhuma organização sustentável lança produtos ou serviços sem indicadores de desempenho, métricas de impacto e mecanismos de feedback. A cultura empreendedora baseia-se precisamente na lógica de testar, validar, medir e ajustar. Quando esta lógica não é aplicada à própria educação empreendedora, instala-se uma contradição silenciosa. Importa sublinhar que esta crítica não diminui o valor das iniciativas existentes. Pelo contrário, reconhece que a educação empreendedora já ultrapassou a fase experimental e se encontra num momento de consolidação. Projetos territoriais demonstram potencial na promoção de competências transversais, no aumento da motivação dos estudantes e na aproximação entre escola e comunidade. No entanto, sem sistemas de monitorização comparável e acompanhamento longitudinal, estes impactos permanecem maioritariamente no domínio da evidência qualitativa e da perceção institucional. A literatura sobre mudança educativa é clara ao afirmar que a sustentabilidade de uma inovação depende da sua institucionalização e da produção de evidência que sustente decisões estratégicas (Fullan, 2016). No caso da educação empreendedora, tal implica desenvolver indicadores nacionais consistentes, mecanismos de recolha de dados estruturados e processos de avaliação independentes que permitam compreender o que efetivamente muda nas competências, atitudes e trajetórias dos estudantes.

O debate já não deve centrar-se na relevância do empreendedorismo na educação, essa relevância encontra respaldo conceptual e político ao nível europeu (European Commission, 2024; European Commission/EACEA/Eurydice, 2016). A questão central é outra: estaremos dispostos a dotar a educação empreendedora dos instrumentos avaliativos que qualquer política pública madura exige? Empreender sem medir pode ser tolerável num projeto embrionário. Mas numa política educativa nacional, essa ausência transforma-se numa fragilidade estrutural. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de criar valor, inovar e agir

com responsabilidade, então o primeiro passo é aplicar essa mesma exigência à própria política educativa: medir, aprender, ajustar e consolidar. Só assim a educação empreendedora deixará de ser uma promessa e passará a ser uma política pública madura.

Referências

European Commission. (2024). EntreComp update 2.0: A competence framework for entrepreneurship. Directorate-General for Employment, Social Affairs and Inclusion.

European Commission/EACEA/Eurydice. (2016). Entrepreneurship education at school in Europe. Publications Office of the European Union.

Fullan, M. (2016). The new meaning of educational change (5th ed.). Teachers College Press.

Nabi, G., Liñán, F., Fayolle, A., Krueger, N., & Walmsley, A. (2017). The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. Academy of Management Learning & Education, 16(2), 277–299. https://doi.org/10.5465/amle.2015.0026

OECD. (2023). Entrepreneurship education: A global outlook. OECD Publishing.

OECD. (2025). Education systems for innovation and entrepreneurship. OECD Publishing.